

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: REDISCUINDO O PAPEL DO TUTOR

DISTANCE EDUCATION: REVISITING THE ROLE OF TUTOR

EDUCACIÓN A DISTANCIA: RE DISCUTIENDO EL PAPEL DEL TUTOR

Christiane Kaminski¹

¹Mestre em Educação, doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), christianekaminski@hotmail.com

Tânia Stoltz²

²Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), tania.stoltz795@googlegmail.com

RESUMO

A educação a distância insere-se como uma oportunidade para milhares de estudantes que necessitam de uma formação e/ou qualificação, pois a modalidade a distância antes de tudo é “educação”, é formação humana, é prática social, é interação, é construção de conhecimento. Neste sentido este artigo busca compreender o papel do tutor na modalidade a distância, com o objetivo de discutir o papel deste protagonista como mediador do conhecimento, pautando-se à luz da concepção histórico-cultural de Vygotsky, para que partindo das reflexões propostas neste estudo, possa se apontar caminhos que expandam e possibilitem compreender o desafiador papel do tutor, que se faz totalmente diferenciado e complexo, na medida em que são necessárias novas e diferentes ações pedagógicas e didáticas, além de se fazer imperativo a integração do aspecto tecnológico, ético, afetivo e intelectual a favor do conhecimento e do desenvolvimento pleno do estudante.

Palavras-chave: Educação a distância. Tutor. Mediação. Vygotsky.

ABSTRACT

Distance learning presents itself as an opportunity for thousands of students who need training and / or qualification, because, above all, distance learning is "education", citizen formation, social practice, interaction, and knowledge building. So this article seeks to understand the role of the tutor in distance learning in order to discuss his leading role as a knowledge mediator. The study is based on Vygotsky historical and cultural concept aligned with the thoughts proposed throughout the research. Thus, such thoughts can show ways to broaden and allow understanding the tutor challenging role. Such role is unique and complex as far as there is the need of new and different didactic and pedagogical actions. Besides, it is imperative the integration of the technological, ethic, affective, and intellectual aspect to favor the knowledge and full development of the student.

Key words: Distance education. Tutor. Mediation. Vygotsky.

RESUMEN

La enseñanza a distancia parte como una oportunidad para que miles de estudiantes que necesitan de capacitación y/o cualificación, ya que la modalidad a distancia sobretodo es "educación", es la formación humana, es una práctica social, es interacción, es construcción del conocimiento. En este sentido, este artículo intenta comprender el rol del tutor en la modalidad a distancia, con el fin de discutir el rol de este protagonista como un mediador del conocimiento, guiado por la luz de la concepción histórico-cultural de Vygotsky, así que a partir de las reflexiones propuestas en este estudio, se pueda señalar los caminos que amplían y facilitan entender el difícil papel de tutor, que es totalmente diferenciado y complejo, en la medida en que existe una necesidad de nuevas y diferentes acciones pedagógicas y educativas, además de que es imprescindible la integración de los aspectos: tecnológico, ético, intelectual y afectivo a favor del conocimiento y del desarrollo integral del estudiante.

Palabras clave: educación a distancia. Tutor. Mediación. Vygotsky.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto da dissertação de mestrado, defendida por esta autora na Universidade Federal do Paraná no ano de 2012 sob o título: O papel do tutor na educação a distância em instituição pública.

Desta maneira cabe destacar que as considerações que se desenvolvem a seguir têm como objetivo: discutir o papel do tutor na educação a distância, proposta esta que visa compreender melhor este profissional como mediador do conhecimento.

Para Martins (2005; 2010); Preti (2002; 2010); Mediano (1988); Saraiva (2010) e Alonso (1996; 2009), a figura do tutor se destaca na modalidade a distância, na medida em que seu papel acadêmico tem como compromisso possibilitar ao aluno o acesso ao conhecimento, a reflexão e ao saber.

Cabe destacar que o trabalho deste profissional se desenvolve em um ambiente diferenciado do modelo presencial de educação, pois esta modalidade a distância possibilita uma nova perspectiva de ensino-aprendizagem, ao utilizar-se, principalmente, das possibilidades tecnológicas, tempo e espaços diferenciados, que ampliam os horizontes e permitem novas e diferentes formas de transmissão de conhecimento e de interação entre alunos, professores e tutores.

Para Maggio (2001); Gutierrez, Prieto (1994) e Martins (2005), o trabalho desenvolvido pelo tutor, na modalidade a distância, compreende os processos formativos do aluno que se apoiam em algumas das funções básicas da tutoria, como a de possibilitar e dar condições para que o aluno seja o centro do processo de aprendizagem.

Desta maneira ao se destacar que o estudante é o centro do processo de aprendizagem na modalidade a distância, pode-se estabelecer que o papel do tutor é o do mediador do conhecimento. E neste sentido, cabe estabelecer reflexões por meio da concepção histórico-cultural de Vygotsky que se configura como um importante enfoque epistemológico que permite ampliar a discussão sobre o papel do tutor na modalidade a distância. A concepção histórico-cultural se mostra relevante nesta reflexão pretendida, na medida em que a educação a distância busca desenvolver um estudante ativo e crítico de sua história, que se realiza e se amplia na relação com o outro. Ou seja, o aprendizado e o desenvolvimento humano ocorrem por meio de atividades mediadas por instrumentos físicos e psicológicos que tem como objetivo o desenvolvimento de um sujeito capaz de entender e de transformar conscientemente o seu meio.

Imerso nesta concepção que estabelece o papel do mediador como pressuposto fundamental para o desenvolvimento e autonomia do sujeito, cabe destacar que o papel do tutor deve se constituir, ele próprio, em uma prática reflexiva que possibilite a compreensão de um conjunto de ideias, princípios e valores que estruturam o processo pedagógico que possibilitam o acesso do aluno ao conhecimento e a uma nova realidade.

O PAPEL DO TUTOR NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

A figura do tutor se destaca na educação a distância na medida em que esta modalidade utiliza diferentes práticas educativas, métodos, técnicas e recursos que incorporam as novas tecnologias. Neste sentido é que se faz a necessidade de caracterizar e delimitar o papel do tutor na modalidade a distância para que se estabeleçam posturas e informações que possam garantir tanto o desempenho do trabalho deste profissional, quanto o seu reconhecimento e a valorização de sua atividade como tutor. Pois seu trabalho não deve ser confundido com uma prática instrumental, diante da tecnologia envolvida, mas seu trabalho deve ser reconhecido como uma prática educativa compromissada em garantir condições para que o aluno seja o centro do processo de aprendizagem.

Para Arentio (1996); Maroto (1995); Martins (2005); Néder (1999); Mediano (1986); Maggio (2001) cabe ao tutor desenvolver condições que permitam o processo de ensino-

aprendizagem em uma relação de respeito que considera o aluno como um sujeito ativo da construção do saber, na medida em que esse processo respeita o diálogo, a liberdade e o conhecimento, “[...] nesta visão, o aluno não transfere, simplesmente, o saber que vem do mundo externo para sua memória; ele constrói interpretações, com base em suas interações” (ALONSO, 2009, p. 91).

Exige-se, pois, deste tutor não apenas deter o conhecimento a ser ensinado, mas se faz necessário que este seja portador de conhecimentos, de técnicas e recursos adequados, que possam viabilizar e incentivar a criticidade e a autonomia dos estudantes nos processos de aprendizagem.

Assim se faz necessário observar a figura do tutor, por meio de uma perspectiva educativa que esteja pautada em uma concepção consciente das possibilidades de uma prática educativa que permita a criação de novas e diferentes condições, para que se iniciem processos construtivos que incorporem reflexões acerca dos caminhos que possam contribuir para a integração do aluno no processo de produção do conhecimento, na autonomia da aprendizagem frente aos variados e diferentes recursos pedagógicos, didáticos e tecnológicos que esta modalidade impõe.

Conforme Preti(1996); Iahn (2002); Rosini(2007); Martins (2005) o papel do tutor, se desenvolve por meio da interlocução entre o aluno, o professor e o tutor em sintonia com os inúmeros recursos didáticos, pedagógicos e tecnológicos que contemplam esta modalidade a distância. Nessa dinâmica, os processos de diálogo e de troca podem permitir a construção de uma pedagogia fundamentada na ética, no respeito à dignidade e na própria autonomia do educando. Para Demo (2007, p. 32), “[...] o educador precisa saber descobrir o tipo de influência que, no outro lado, não implique submissão, mas reação autônoma”.

Esse papel, portanto, deverá estar pautado não apenas no domínio do conteúdo, que é imprescindível para o exercício desta função, mas deve ser um processo que contemple a "construção humana" que se refere a troca, ao conhecimento compartilhado, as interações, ao diálogo conosco e com os outros. Neste sentido Maraschin (2000); Maturana (1993); Preti (1996), destacam que o papel do tutor deverá respeitar a autonomia da aprendizagem do estudante, no sentido de orientar, dirigir e supervisionar o processo

de ensino-aprendizagem, viabilizando assim, por meio de sua bagagem acadêmica e pedagógica a construção do conhecimento do aluno.

Pois conforme Wachowicz (2009, p. 109), "[...] nenhuma teoria é capaz de transformar o mundo, mas é condição para transformá-lo", e diante desta constatação compreende-se que o papel do tutor não é apenas o de mediatizar o conhecimento, por meio de estruturas arcaicas e autoritárias de ensino, mas promover uma modalidade educacional diferenciada, tecnológica e interativa que contempla uma nova linguagem interativa de ensino-aprendizagem.

Vale ressaltar que o papel do tutor nesta modalidade, deverá estar pautado na compreensão de que a educação a distância possui características únicas que incorporam diferentes práticas educativas e tecnológicas que permitem promover a formação de milhares de alunos, mas que não significa que esta modalidade é um *fast food*, que apenas repassa métodos, técnicas que devem ser consumidas e assimiladas prontas e acabadas pelo estudante.

Para Martins (2005); Moran (2000); Neder (1999); Arentio (1996), o papel do tutor destaca-se como “imprescindível”, na medida em que se estabelece por meio deste profissional, ponte de diálogo e reflexão da teoria e da prática, que se alimentam mutuamente no sentido de promover a construção do conhecimento. Neste sentido Kaminski (2012), ressalta que cabe a esse protagonista o papel de acompanhar os alunos, observar, assessorar, sendo ele um facilitador que ajuda o estudante a compreender; agindo como um suporte ao aprendizado dele, atuando tanto no campo motivacional, afetivo, quanto no cognitivo, através de método de trabalho, organização e planejamento.

O papel do tutor, portanto, demanda múltiplas exigências para que o seu trabalho possa se desenvolver, afim de que se transponha a complexidade que envolve o ensino-aprendizagem na modalidade a distância que requer desse profissional um novo posicionamento frente à cultura virtual hoje estabelecida. Para Maggio (2001), cabe ao tutor desenvolver atitudes orientadoras, diante dos processos de ensino-aprendizagem na relação tutor-aluno, buscando caminhos que permitam formar o estudante para uma nova realidade que beneficie o saber. Para Litwin (2001), este profissional deve estar comprometido com uma prática educativa que vise democratizar o conhecimento e para tanto deve estar em constante reflexão do desempenho de seu trabalho, ou seja, “[...]”

formação teórica, disciplinar e pedagógico-didática que deverá ser atualizada com a formação na prática dos espaços tutoriais, aspecto que não deve ser deixado ao acaso” (LITWIN 2001, p.104).

Para tal, este educador deve reconhecer as exigências e desafios da tutoria como uma demanda que pode compreender o papel do tutor como: a figura de mediador dos processos de aprendizagem, “[...] processos estes tidos como uma atividade inerentemente social, na qual o diálogo cooperativo permite que os participantes experimentem similaridades e diferenças entre vários pontos de vista” (FILANTRO, 2009, p. 98). Pode-se dizer neste sentido, que o tutor, se insere nas perspectivas apontadas sob uma ótica que possibilita observá-lo como o mediador do conhecimento, ou seja, é a ação do aprender, a formação humana, a responsabilidade e o respeito aos limites do outro, na medida em que os desafios possam ser transformados em trocas e conquistas de novos saberes.

Neste sentido, este trabalho busca na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky uma visão que possibilite reconhecer no tutor uma proposta de ensino-aprendizagem na qual o papel do tutor é compreendido como o de parceiro do aluno no processo de conquista do conhecimento, na medida, em que a mediação se insere como condição que oportuniza a troca e a reflexão para o desenvolvimento da autonomia intelectual do aluno, elemento fundamental do processo pedagógico da educação a distância, ou seja, o tutor deve ser “[...] dotado de conhecimento científico e espírito humanizador no que se dispõe a mediar e busca promover autonomia e realização humana, cumprindo em sua função social de educador-professor, o seu papel de cidadania, ou seja, como dever de todos profissionais colaboradores sociais” (MENEQUETTI, 2009, p.10).

MEDIACÃO PEDAGÓGICA E A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

A educação a distância se apresenta em um cenário tecnológico, em que na maioria das vezes a aprendizagem se realiza em ambientes virtuais que tem por objetivo promover "encontros virtuais" que eliminam distâncias que possibilitam os processos de

aprendizagem, ou seja, no ambiente da modalidade a distância esta interação nos leva a pressupor a proximidade dos envolvidos neste processo.

Para Gonzáles (2005); Gutierrez e Pietro (1994); Moran, Masetto e Behrens (2000), o tutor se insere neste cenário educacional como aquele que tem o papel didático-pedagógico de acompanhar, motivar, orientar e estimular o aprendizado do aluno tanto no ambiente virtual de aprendizagem, quanto nos encontros presenciais que possam existir, ainda de acordo com Bentes (2009), o tutor deve possibilitar um caminho que viabilize e incentive a autonomia do estudante e dos processos de aprendizagem, favorecendo a comunicação e a mediação do conhecimento.

Neste sentido, Preti (1996); Oliveira (2006); Bentes (2009) e Martins (2005), destacam o tutor como mediador do conhecimento. Por essa razão, da dimensão de “mediador”, busca-se na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky o referencial que possibilite compreender o papel do tutor na educação a distância.

A perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (2001), e de seus colaboradores Luria (1991), e Leontiev (1991), tem como foco a “dimensão psicológica do ser humano” que busca compreender o homem por meio de sua condição histórica, do lugar que ocupa nesse contexto, bem como do que ele significa e de como é significado pelos demais sujeitos com os quais se relaciona o que se configura em expressão não de um sujeito em si, mas da própria história humana.

Assim, considera-se que a tutoria privilegia os processos da mediação, cerne da teoria de Vygotsky, que percebe o desenvolvimento cognitivo, especificamente humano, por meio das formas de interação social e cultural.

Para Rego (2009), a aprendizagem vista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural de Vygotsky é um processo de construção determinado por condições socioculturais e históricas, na medida em que a ação do outro sobre cada sujeito que aprende é fundamental, não só como incentivadora, mas como uma ponte indispensável entre este e a realidade.

Stoltz (2007), em suas reflexões sobre a teoria vygotskiana aponta essa perspectiva como instrumental, histórica e cultural. É instrumental, por se referir à natureza mediada

pelas funções psicológicas superiores¹, é histórica e cultural por propor a compreensão do ser humano inserido em uma cultura determinada, com suas ferramentas inventadas e aperfeiçoadas no curso da história social da humanidade.

Assim, delimita-se, a partir dessa teoria, a relação tutor-aluno, que deve se estabelecer a partir das características socioculturais e individuais da realidade do próprio aluno, propiciando o sentimento de pertença como aspecto fundamental para que o estudante supere as possíveis dificuldades quanto aos processos de aprendizagem, conhecimento e autonomia.

Vygotsky (1996), destaca em seus estudos que a aprendizagem se realiza por diferentes níveis de desenvolvimento, tanto real quanto potencial, devendo, em situação de interação² possibilitar que cada um seja agente de aprendizagem do outro. Se, em um momento, o aluno aprende, em outro, ele ensina, pois o desenvolvimento não é linear; é dinâmico e sofre modificações qualitativas.

Nesse caso, o mediador, deve estar atento, de modo a que todos se apropriem do conhecimento e, conseqüentemente, alcancem as funções superiores da consciência, pois é a aprendizagem que vai determinar o desenvolvimento. O mediador, portanto, atua na zona de desenvolvimento proximal do sujeito em que, por meio de intervenções intencionais, possibilita a aquisição dos conhecimentos sistematizados.

Vygotsky (1988), e seus colaboradores Luria e Leontiev (1991) apontam dois elementos básicos responsáveis pela mediação³: o instrumento, que tem a função de regular as ações sobre os objetos, e o signo, que regula as ações sobre o psiquismo das pessoas. Nesse caso, o instrumento é o objeto em si (a mamadeira, o lápis...) e o signo é a representação social desse objeto. Essa capacidade de mediação simbólica representa um novo comportamento, que envolve as atividades denominadas funções psicológicas superiores, em que o indivíduo deixa de necessitar de marcas externas e passa a utilizar signos internos, isto é, representações mentais que substituem os objetos do mundo real.

Já o processo de internalização, para Vygotsky (1996), tem início por meio dos processos sociais que se transformam em processos internos, interiores do sujeito, e, por

¹ Funções psicológicas superiores ou funções superiores da consciência são estruturas cerebrais tipicamente humanas: memória seletiva, pensamento abstrato, atenção concentrada, vivência emocional e intencionalidade da ação.

² Processo fundamental para a interiorização do conhecimento e ou transformação dos conceitos espontâneos em científicos, por meio do processo de tornar intrapsíquico o que antes era intersíquico.

³ O conceito de mediação está no cerne de todas as ações intencionais e voluntárias do ser humano.

meio da linguagem⁴, chega-se ao pensamento. Esse processo, segundo Rego (2009), não é o de uma transferência (ou cópia) dos conteúdos da realidade objetiva para o interior da consciência, mas é o próprio processo criador da consciência, que ocorre a partir da atividade do sujeito, com a ajuda de instrumentos socioculturais, que são os conteúdos externos, da realidade objetiva.

Segundo Vygotsky (1984), é por conta da necessidade de comunicação entre seus semelhantes que o homem cria e utiliza a linguagem. Nesse sentido, o intercâmbio social é a principal função da linguagem em uma sociedade que de acordo com Lane (1997, p.34) “[...] a palavra, a língua e, a cultura relacionam-se com a realidade, com a própria vida e com os motivos de cada indivíduo”.

Portanto, na concepção de Vygotsky (1984), ampliada por seus colaboradores Luria (1991) e Leontiev (1991), o aprendizado da linguagem escrita representa um novo e considerável salto no desenvolvimento da pessoa, na medida em que o domínio do sistema complexo de signos fornece novos instrumentos de pensamento e amplia a capacidade de memória e registro de informações do sujeito, “[...] enfim, promove modos diferentes e ainda mais abstratos de as pessoas se relacionarem com outras e com o conhecimento” (VYGOTSKY, 1994, p.143).

Para Vygotsky (1994), a educação tem como objetivo intervir na realidade do aluno e, a partir da apropriação de novos conceitos, possibilita uma nova compreensão dessa mesma realidade.

Nesse processo dinâmico, ativo e singular, Martins (2010, p.135), entende que “[...] fundamentar a educação no sujeito que aprende é condição básica para a construção de uma nova cultura sobre o ato educativo”. Esse raciocínio constitui-se da aprendizagem das situações específicas da vida social e cultural que levam ao desenvolvimento. Para Vygotsky (1998), a aprendizagem explica o desenvolvimento, e é nesse contexto da aprendizagem que se iniciam as regulações que as outras pessoas exercem sobre nós.

O homem aprende desde o momento de seu nascimento. E essa aprendizagem ocorre mediante as trocas recíprocas que realiza com o meio e com o outro, pois é só através das trocas que o homem se transforma e intervém no mundo que o cerca, “[...]”

⁴ A linguagem tem um papel importante na teoria de Vygotsky sobre a formação da consciência, compreendida na relação de síntese entre organismo e ambiente.

nesse sentido, as características de cada indivíduo vão sendo formadas a partir das inúmeras e constantes interações do indivíduo com o meio, compreendido como contexto físico e social, que inclui as dimensões interpessoal e cultural” (MARTINS, 2010, p. 55).

Esse conjunto de ações destinadas a criar oportunidades de aprendizagem, destaca Castorina (1995), possibilita a aprendizagem e o desenvolvimento do nível potencial do indivíduo. Esse desenvolvimento potencial é situado por Luria (1991) pelo conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, que se configura como: “[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (VYGOTSKY, 1994, p.112).

A discussão de Vygotsky (1994), sobre as ZDPs pressupõe o papel de um mediador do conhecimento, que não deve ser entendido como um supervisor ou um simples organizador de conteúdos e/ou espaços, mas de um protagonista responsável pelo que o aluno vai aprender e se ele vai aprender. Para Stoltz (2008) é a figura do docente que principalmente contribui para avanços nos alunos, e isso só se torna possível por meio de sua interferência na zona proximal do discente.

Cabe, então, a esse docente, o importante papel capaz de ampliar as possibilidades de conhecimento do aluno, à medida que considera necessária a articulação dos conceitos espontâneos (conhecimentos prévios) com os conhecimentos que se deseja levar o aluno a construir (conhecimentos científicos), privilegiando, assim, as diferentes ZDPs. A ideia de desenvolvimento dos processos psicológicos a partir da atividade e da linguagem no contexto histórico-cultural está intrinsecamente relacionada com a apropriação dos conceitos científicos, que possibilitam ao indivíduo conhecer a sua realidade de forma crítica, desviando-se das amarras da alienação.

A Zona de Desenvolvimento Proximal, portanto, refere-se ao caminho que o indivíduo percorrerá para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que, no futuro, se tornarão funções consolidadas no seu nível de desenvolvimento real. Para Luria (1991), a ZDP é um domínio psicológico em constante transformação, ou seja, um processo de aprendizagem que desperta os processos de desenvolvimento que, aos poucos, tornam-se parte das funções psicológicas consolidadas do indivíduo; “[...] é,

portanto na relação dialética com o mundo que o sujeito se constitui e se liberta” (REGO, 2009, P. 94).

De fato, Vygotsky (1994), possibilita ao ensino, por meio das Zonas de Desenvolvimento Proximal, uma nova dimensão para o aprendizado que se adianta ao desenvolvimento, na medida em que se pode estimular uma série de processos internos que ainda não se encontram amadurecidos. Possibilita-se ao docente um instrumento significativo para a orientação de seu trabalho. O trabalho desenvolvido na dimensão das ZDPs permite uma relação direta com o entendimento do caráter social do desenvolvimento humano e das situações de ensino escolar, levando-se em conta as mediações histórico-culturais possíveis nesse contexto. Para Castorina (1995), partindo da visão de Vygotsky, é importante que o estudante possa contar com a orientação e a ajuda de outro indivíduo que esteja mais adiantado que ele, estabelecendo-se, assim, uma relação capaz de construir e estabelecer novas capacidades e habilidades potenciais.

Cabe, então, ao professor sistematizar conteúdos que, por ventura, propiciem a relação entre os conceitos nos processos educativos. Diante da modalidade a distância, no entanto, que coloca novas questões e exige um reposicionamento da educação, o papel de mediação se reflete principalmente na figura do tutor que personaliza a missão primordial de “[...] prover orientação sistemática ao estudante, realizando-a ao longo do processo formativo para acompanhá-lo na tomada de decisões sobre os caminhos da aprendizagem e da construção do conhecimento” (BERNAL, 2008, p.59).

Para Preti (2002), a mediação realizada pela figura do tutor no âmbito a distância acompanha o estudante em seus esforços de aprender, provocando o desenvolvimento e a autonomia do indivíduo.

Assim, a educação a distância destaca-se no processo de mediação do conhecimento pelo tutor. Sendo protagonista, ele se distingue do papel de professor tradicional, mas não deixa de ser concebido como um docente, por alguns estudiosos que o consideram como uma extensão do papel do professor que orienta, sistematiza e conceitua os caminhos da aprendizagem e da construção do conhecimento “[...] o sistema professor-tutor da EaD e este imaginado por Comenius guardam uma certa semelhança, sendo que o professor da EaD desempenharia um papel análogo ao do pedagogo comeniano e os tutores atuariam como os professores da escola” (SARAIVA, 2010 p.163).

No entanto, autores como Preti (2002), Martins (2005) e Bernal (2008) defendem o tutor com o papel de um docente especialista, na medida em que ele possui características distintas para o desenvolvimento de suas atividades de orientação e mediação pedagógica na modalidade a distância.

Essas considerações caracterizam o papel do tutor e as diferentes habilidades que esse profissional deve desenvolver como mediador nos processos de aprendizagem na educação a distância, além das exigências de sua atuação, que viabilizem a comunicação, a autonomia e a construção do conhecimento. Entende-se, portanto, que a relação tutor-aluno só se realiza mediante o conhecimento dos processos pedagógicos que envolvem essa modalidade.

Assim, o tutor deve ser compreendido como um mediador do conhecimento e, por essa razão, deve estar inteiramente consciente e integrado quanto aos conteúdos, metodologias, disciplinas e atividades. Deve evidenciar, sobretudo, o contexto em que seu aluno está inserido, sua realidade, suas limitações e principalmente, seu potencial.

Em síntese, as contribuições de Vygotsky para a educação e, em particular, para a educação a distância incrementam as discussões e representam novas contribuições na expansão de práticas pedagógicas que promovam diferentes possibilidades para a educação.

É preciso, portanto, conceber uma visão que compreenda o fenômeno educativo e os processos que envolvem a tutoria, estabelecendo parâmetros que caracterizem e delimitem o papel do tutor e a sua práxis pedagógica.

Algumas Considerações

O papel do tutor na educação a distância ocupa cada vez mais uma posição de destaque no cenário educacional, em face da grande expansão no ensino superior a distância no Brasil nos últimos anos. As especificidades apresentadas nesta modalidade e nesta pesquisa apontam para a demanda de um profissional que realiza uma série de novas aprendizagens e atividades, para muitas das quais ele não foi preparado, trazendo consigo novos desafios, desde a sua formação inicial até as condições nas quais desenvolve as suas atividades tutoriais.

O conjunto de dados analisados nesta investigação aponta o papel do tutor como mediador do conhecimento, ou seja, aquele que orienta, ajuda e provoca o estudante na construção do saber e das diferentes formas de autorregulação. Desta maneira cabe destacar que o papel do tutor na modalidade a distância se realiza como uma das peças fundamentais que contribuem, por meio de suas ações pedagógicas, para a construção do conhecimento e autonomia do aluno aprendiz da modalidade a distância.

Assim, por meio da perspectiva de Vygotsky (2003), pode-se considerar que o papel do tutor permite que o aluno construa o seu conhecimento, mostre-se naquilo que pede como ajuda e que estabeleça o seu próprio processo de aprendizagem. Vale destacar, ainda, que Vygotsky não considerou o papel do tutor na modalidade a distância, mas de acordo com este estudioso, é necessário alguém mais adiantado ou com maior conhecimento para mobilizar a construção do conhecimento no outro. Conjugado isso exige compromisso e responsabilidade com o aluno, o que permite ao tutor avançar na exigência da compreensão dos processos de ensinar e aprender. Para Vygotsky (2001), neste caminho a ser percorrido pela atividade do pensar, faz-se necessário um mediador que 'ensine' o melhor caminho, sendo o aprendiz, o aprender por si mesmo, mas auxiliado pelo outro.

E é a partir desta perspectiva histórico-cultural que se busca construir o papel do tutor como mediador do conhecimento, em que a relação de troca possibilita que o aluno negocie significados e construa sentidos, o seu pensar crítico, racional e sensível, que permite novas interações e ações em suas relações sociais. Tal consideração requer formação abrangente e continuada para o trabalho com o ensino a distância e que envolva o tutor em uma perspectiva integral, abrangendo a indissociabilidade entre cognição e emoção dentro de determinada cultura. Neste sentido, o referencial de Vygotsky apresenta-se como interessante possibilidade de discussão do papel do tutor na educação a distância.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, K. Educação a distância no Brasil: a busca de identidade. In: PRETI, O. (Org.). **Educação a distância: inícios e indícios de um percurso**. Cuiabá: NEAD/ie – UFMT, 1996.
- ALONSO, K. M. *et. al.* **Educação a distância: práticas, reflexões e cenários plurais**. Cuiabá-Mt: Central de Texto: UFMT, 2009.
- RENTIO, L. G. **La Educación a Distancia y la UNED**. Madri: UNED, 1996.
- BERNAL, Edith. G, **A formação do tutor para a educação a distância: fundamentos epistemológicos**. EccoS Revista Científica. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.uaemex.br>> Acesso em: 13/7/2014.
- BENTES, R. de F. A Avaliação do Tutor. Em: LITTO, F. & FORMIGA, M. (org). Educação a Distância: O Estado da Arte. São Paulo: Pearson, 2009.
- CASTORINA, J. A. et al. **Novas contribuições para o debate**. São Paulo: Ática, 2003.
- DEMO, Pedro. **O porvir: desafio das linguagens do século XXI**. Curitiba: Ibpex, 2007.
- FILATRO, A. As teorias pedagógicas fundamentais em EAD. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. **Educação a distância o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- GONZALEZ, Mathias. **Fundamentos da tutoria em educação a distância**. São Paulo: Avercamp, 2005.
- GUTIÉRREZ, Francisco e Prieto Daniel. **A mediação pedagógica: educação a distância alternativa**. Campinas: Papirus. 1994.
- IAHN, L. F. “Concepções e políticas em educação à distância”. In: POLAK, Y. N. S. **A construção do percurso em educação à distância: formação de tutores**. Curitiba: editora própria, 2002.

KAMINSKI, C. O papel do tutor na educação a distância em instituição pública. 15of. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

LANE, S. (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LITWIN, Edith. **Educação à Distância** – Temas para o debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

LURIA, A. R. LEONTIEV, A.; VYGOTSKY, L. S. **Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. São Paulo: Moraes, 1991.

MAGGIO, M. O tutor na educação a distância. In: LITWIN, E. **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2001.p. 100-110.

MARASCHIN, Cleci. A sociedade do conhecimento e a Educação a Distância. In: CAPISANI, Dulcimira (Org.). **Educação e Arte no mundo digital**. Campo Grande, MS: UFMS, 2000, p. 21-32.

MAROTO, Maria L. Mata. Educação a Distância: aspectos conceituais. CEAD, v.2, nº 08, jul/set. 1995, SENAI-DR/Rio de Janeiro.

MARTINS, O. B. **Fundamentos da educação a distância**. Curitiba: Ibpex, 2005.

MARTINS, O.B. **Sistemas de gestão em EAD: os desafios de uma proposta crítica comprometida com a gestão em EAD**. Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa RELATEC. 2010. Disponível em: <<http://campusvirtual.unex.es>> Acesso em: 17/09/2014.

MARTINS, O. B. **A educação a distância: um mapa reflexivo da nova cultura dos docentes e dos tutores na formação dos professores**. Curitiba: Ibpex, 2007.

MATURANA, H. R. Uma nova concepção de aprendizagem. **Revista Dois Pontos**, Belo Horizonte, v. 2, n. 15, p. 28-35, 1993.

MEDIANO, Catalina M. **Los sistemas de educación superior a distancia**. La práctica tutorial de la UNED. Madrid: Universidad nacional de educación a distancia, 1988.

MENEGUETTI, N. **A Tríplice Relação Pedagógica entre: Educador-Professor-Tutor, na Educação a Distância; Universidade Paranaense – UNIPAR**, Paraná. 2009

MORAN, José M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

NEDER, M. L. C. A formação do professor à distância: diversidade como base conceitual. Belo Horizonte, 1999. **Tese** (Doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

PRETI, Oreste. **Fundamentos e políticas em educação a distância**. Curitiba: IBEPEX, 2002. Coleção Educação a Distância 3.

PRETI, Oreste. **O estado da arte sobre “tutoria”**: modelos e teorias em construção. São Paulo, 2010. Disponível em: < <http://www.eadeducar.com.br>>. Acesso em: 02/10/2014.

REGO, Tereza C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 2009.

ROSINI, Alessandro Marco. As novas tecnologias da informação e a educação a distância. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SARAIVA, K. **Educação a distância**: outros tempos, outros espaços. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

STOLTZ, T. O problema das relações entre afetividade e inteligência. In: Nilson Fernandes Dinis. *et al.* **Múltiplas faces do educar**: processos de aprendizagem, educação e saúde e formação docente. Curitiba: Editora UFPR, 2007. p.29-46.

VYGOTSKY, L.S.; LÚRIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 9ª edição. São Paulo: Editora Ícone, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, L. S. The problem of the environment. In: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. **The Vygotsky reader**. Oxford: Blackwell, 1994.

WACHOWICZ, L. A. **Pedagogia mediadora**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.